



# HISTÓRIAS DA CAL

## O QUE CONTAM OS CALEIROS ACERCA DA PRODUÇÃO DA CAL ARTESANAL

Marluci Menezes | [marluci@lneec.pt](mailto:marluci@lneec.pt)

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL  
TRADIÇÃO | INOVAÇÃO | CONSERVAÇÃO



CONFERÊNCIA | LISBOA | LNEC | 25 | SETEMBRO | 2015

Projeto LIMECONTECH

*Técnicas e Materiais de  
Conservação e Restauro de  
Revestimentos Históricos*

LNEC | FCT



SOBRE

- Técnicas tradicionais de execução e reparação de revestimentos de paredes
- Materiais e instrumentos utilizados

REGIÃO DE ESTUDO



- **Beja - Alentejo**

CONTRIBUIR

- Inventariar e classificar (Matriz PCI) os fornos de cal e atividades associadas como património imaterial
- Reforçar a ligação sociocultural ao património de conhecimento associado às atividades relacionadas com a cal
- Salvaguarda dos fornos de cal e atividades associadas

Protocolo de cooperação técnico-científica

*A Atividade Associada aos  
Fornos de Cal Artesanal em Beja*

LNEC | Câmara Municipal de BEJA



**“cal viva é quando nasce”** [Sr. Jacinto Figueira]



## ... E ASSIM NASCE A (I)MATÉRIA DO PATRIMÓNIO

VETORES MATERIAIS

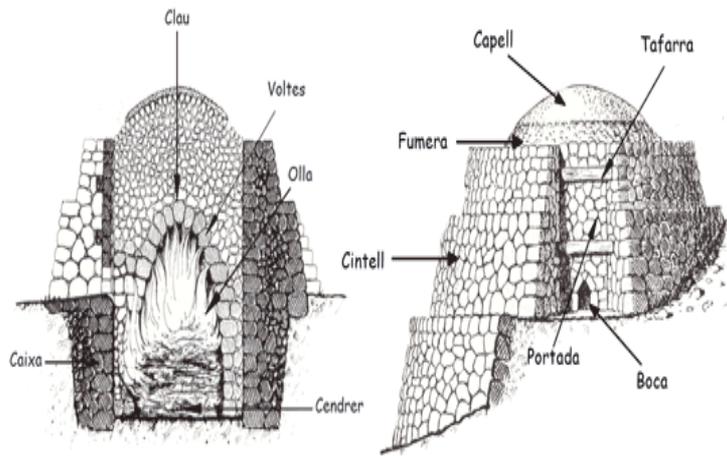


VETORES IMATERIAIS DE  
SIGNIFICADO E VALOR



# ... E ASSIM NASCE(M) O(S) PATRIMÓNIO(S)

## MATERIAL



Fonte: <http://www.masmallorca.es/productos-tipicos/hornos-de-cal-y-caleros-mallorca.html#axzz3mePV3Ty7>

## IMATERIAL

- PRÁTICAS
- EXPRESSÕES
- REPRESENTAÇÕES

manifestadas em

- tradições orais
- tradições artísticas e performativas
- práticas sociais, rituais e festivas
- conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo
- saberes e técnicas tradicionais

associadas a

• saberes e técnicas

• objetos e lugares

que

- as comunidades e os grupos **reconhecem** como pertencendo ao seu património cultural
- são **transmitidas** entre gerações
- são objeto de constante **recriação**
- proporcionam um sentido de **identidade** e continuidade aos grupos e comunidades
- não violam os **direitos humanos**

Fonte: KIT de Recolha de Património Imaterial, MC – IMC, Matriz PCI, 2011, [http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial\\_Integral.pdf](http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial_Integral.pdf)

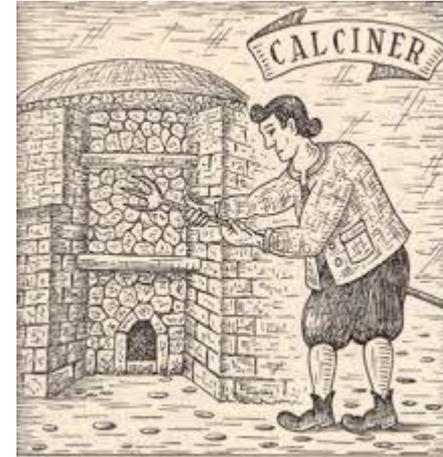
“Apesar do interesse que os fornos de cal revelam pouca atenção se lhes dedicou. Obras exigentes na sua construção, e plasticamente interessantes, parecem surpreendentemente reduzidos os registos a que os fornos da cal deram origem, sobretudo se compararmos com outras construções não habitacionais, como poços, fontes, fornos domésticos e colectivos, soengas ou até abrigos de pedra”.

Pedro Prista: Terra, Palha e Cal: Ensaio de Antropologia de Construção Vernacular em Portugal, 2014, p.115



## ■ CRIANDO FONTES

- O **resgate do saber-fazer tradicional** através do **testemunho oral** é um importante contributo para a conservação e restauro do património material.
- O **testemunho oral** é um importante meio para a **construção de fontes de conhecimento** que contribuam para a investigação científica, bem como a perpetuação de determinados saberes e técnicas tradicionais.
- O saber-técnico tradicional dos artesãos da cal é também **PATRIMÓNIO**.



Fonte: <http://www.masmallorca.es/productos-tipicos/hornos-de-cal-y-caleros-mallorca.html#axzz3mePV3Ty7>





## CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS FORNOS DE CAL

- Localizados próximos das pedreiras.
- É comum serem explorações do tipo artesanal.
- Funcionam há várias gerações e costumam ser de tradição familiar.



## FORNOS DE CAL DE TRIGACHES

- Próximos das explorações de pedra calcária ou mármore.
- Existem cerca de cinco fornos, mas apenas um se encontra em condições de conservação adequadas ao seu funcionamento.

## Pedreira de TRIGACHES

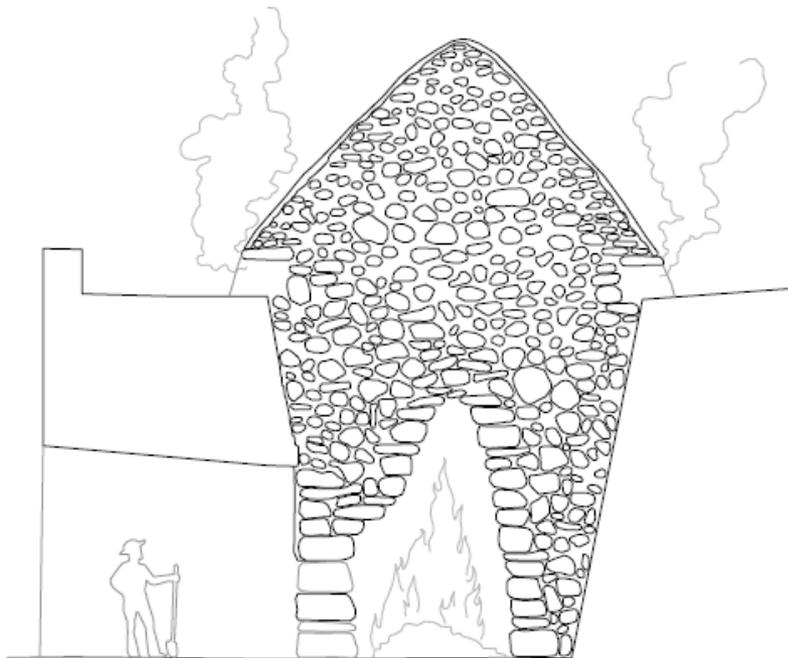


FORNOS

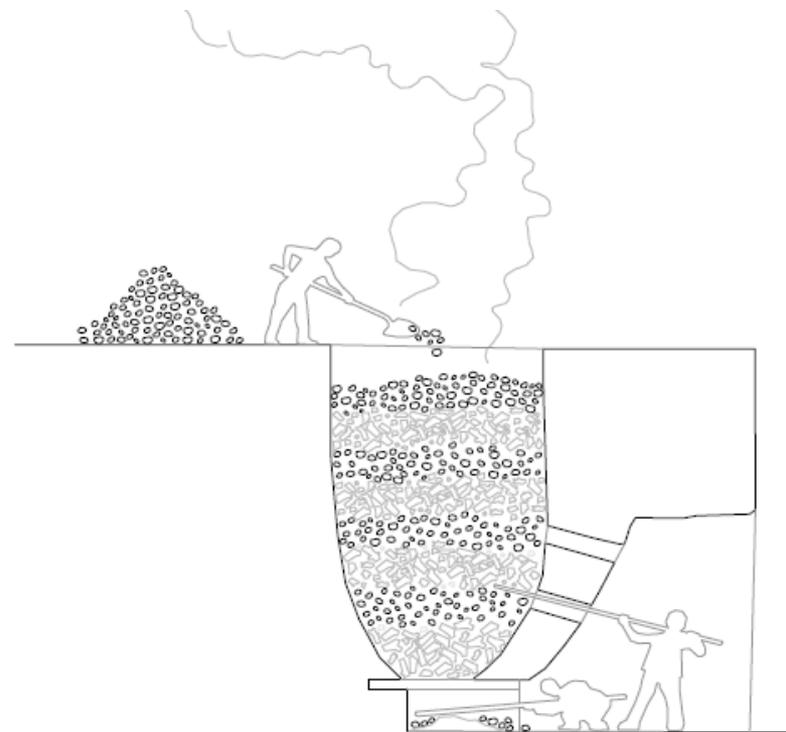
TRIGACHES

São Brissos

Beringel



Forno de cal de laboração intermitente - Focea (Turquia). (ADAM, 1996, p.72)



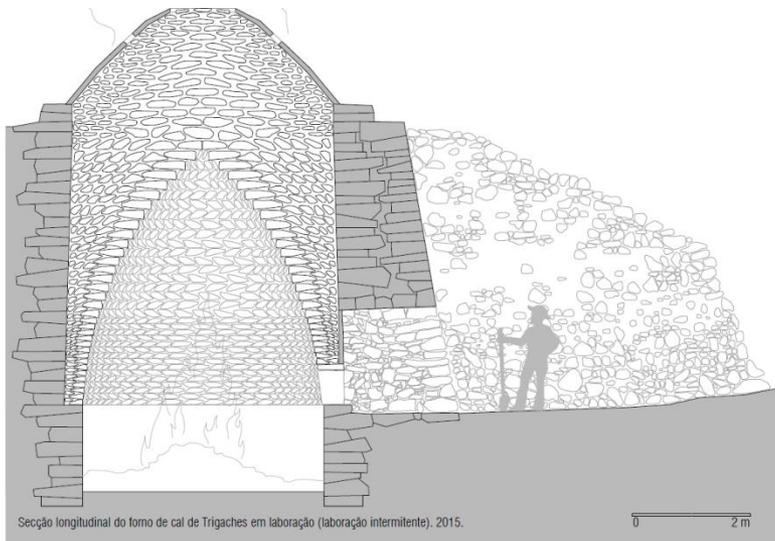
Forno de cal de laboração contínua - praia de Heddon's Mouth (sul de Inglaterra). (TRUST, 2014)

Conforme referido por **Paulo Custódio**, no âmbito da preparação da sua tese de mestrado em Arquitetura pela Universidade de Évora, intitulado-se o trabalho: **“Os Fornos de Cal do Baixo Guadiana: Contributo para um estudo Arquitectónico”** (em fase final de conclusão).

Modelo tridimensional do forno de Trigaches conforme elaborado por Paulo Custódio, no âmbito da preparação da sua tese de Mestrado em Arquitectura pela Universidade de Évora (Fonte: PAULO CUSTÓDIO, 2015)



UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
ESCOLA DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA



Secção longitudinal do forno de cal de Trigaches em laboração (Fonte: PAULO CUSTÓDIO, 2015)

OS FORNOS DE CAL DO BAIXO GUADIANA  
CONTRIBUTO PARA UM ESTUDO ARQUITECTÓNICO

Paulo Custódio  
Orientação: Professor Doutor João Rocha  
Co-orientação: Professora Doutora Sofia Salema  
Doutora Maria Goreti Margalha

Mestrado Integrado em Arquitectura

Évora, 2015



Sr. João Caetano  
Descalço Galhana

Sr. Jacinto Figueira



### Sr. João Caetano Descalço Galhana

- 67 anos
- Nascido e criado em Trigaches
- Aos 30 anos arrendou forno na zona
- 1976: começou a produzir cal
- Antes, trabalhava na pedreira

- Agora a “reforma tem que dar ..., se não está pior, vai indo”
- “Trabalhando como eu trabalhava, por minha conta, tinha que ser uma coisa pegada, não tinha férias, não tinha dias feriados, não tinha nada ...”
- “...andei nisso de 76 a 81, a minha família toda ...”, foi responsável por um forno com mais um sócio, primeiro alugou o forno e depois comprou , onde laborou sem interrupção entre 1976-1981, trabalhando no forno entre 3 – 4 pessoas, e “havia procura”
- “Antigamente as pessoas aqui em Trigaches trabalhavam todas na cal, a partir a pedra, outras na lenha, outras a vender, outros nos fornos ...”



### Sr. Jacinto Figueira

- 70 anos. Trabalha desde os 8 anos
- Começou atividades nos fornos de cal tinha uns 30 anos, mas não era atividade principal
- Foi imigrante em França, onde casou com senhora de Trigaches e teve um filho.
- Com os 5 anos do filho voltaram para Trigaches. O filho hoje é GNR
- Responsável pelo último forno artesanal de Trigaches e que funcionou até 2002.

- “ Comecei a trabalhar já na barriga da minha mãe”
- “Para além do forno da cal, trabalhava no que aparecia, trabalhava-se na pedreira”
- “O meu pai não fazia, mas vendia a cal em carroça (...). Eu desde pequenino estava ligado, ia lá ajudar a descarregar ..., os meus avós estavam ligados aos fornos”
- “Fiz muitas vezes sozinho”; “naquele forno grande eram 2”; “depois fui trabalhar sozinho, arranjei um forno mais pequeno”.
- “As forças foram abalando” ... “Veio tudo ao mesmo tempo. Já não havia pessoal para me ajudar no trabalho e as lenhas também começaram a faltar. Nós coziámos os fornos com lenha de sobro, que era mais em conta, mas deixaram de limpar os sobreiros e quando limpavam era para vender para as lareiras. De maneira que continuei a vender cal, mas ia buscar a Santarém, já feita”.

# “Formar, cozer, tirar a cal”

**Sr. Jacinto Figueira**

## ■ A PRODUÇÃO DA CAL: O ANTIGAMENTE

- “Aqui em volta, nestes povos todos. Tanto vinham aqui comprar como ia eu vender... outros ainda vinham aqui comprar para revender. Nesse tempo, aqui o povo de Trigaches, vivia quase todo daquilo... uns faziam e outros vendiam. Havia aqui muitos com as carroças e uma besta, que iam vendendo por esses povos todos. “

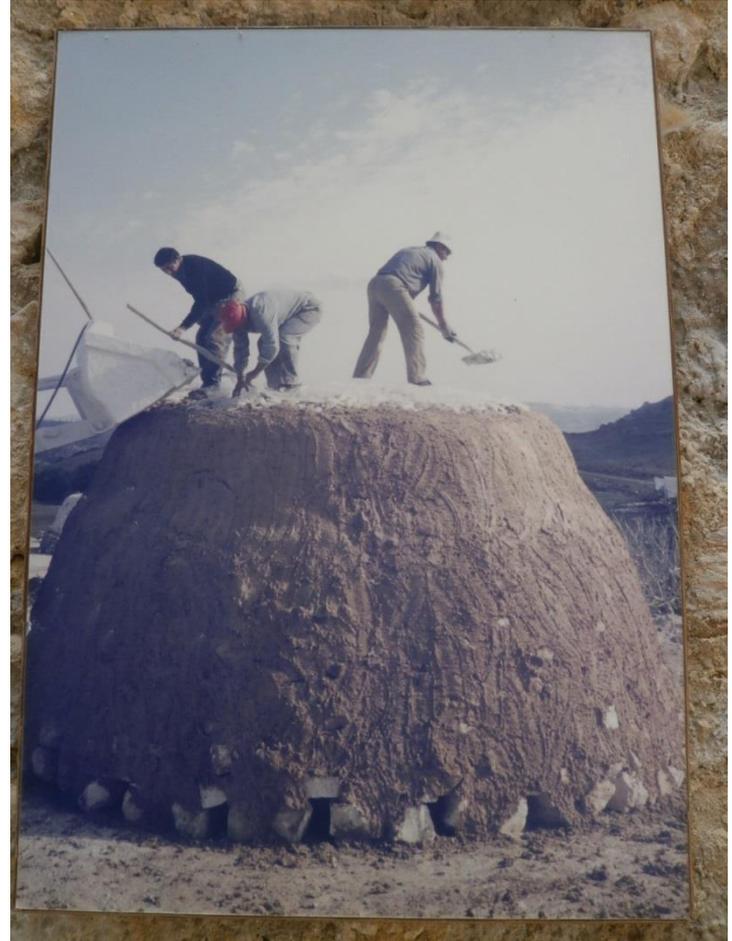


## ■ MONTAGEM DO FORNO

- “1º linha pedra / 2º vai havendo inclinação até chegar ao cimo para fazer ficar segura a abóboda “vai sendo tudo para ficar maciço”
- O buraco do forno tem em torno de 2 metros de profundidade
- “O buraco em baixo é terra batida”.
- “Abrem-se três buracos em simultâneo, juntamente com os olhais em volta. Depois, quando ardem os andaimes que a gente mete no forno para segurar a pedra, tapa-se a coroa” .
- Coloca-se na estrutura do forno pedras que não cozem: ex. xisto / granito.
- “A porta da entrada era também fechada com barro, colocava-se 2 ferros e depois o barro vinha até cima”.

## MONTAGEM DO FORNO

- “la-se armando a pedra e enchendo o forno de lenha, para servir de andaime, até chegar ao fim, até fecharmos o forno. Depois aquilo subia um bocadinho, fazia um capelo, púnhamos barro nesse capelo, porque depois quando as pedras estão cozidas descaem, descem um bocado e o capelo continua armado”.
- “Quando se fechava a porta do forno os olhais ficavam fechados também”.



## ■ ESTRUTURA DO FORNO

COROA

CAPELO

LINTEL

PEDRAS

OLHAIS

PORTA DO FORNO



## ■ MATERIAIS

LENHA

PEDRA



## PREPARAÇÃO DA PEDRA PARA MONTAR O FORNO

### PEDRA PARA FAZER A CAL

- “Antigamente fazia-se os buracos com compressor. Metia-se as guilhas (cunhas redondas em ferro) por cima. Ia-se batendo até a pedra abrir; outros com fogo; havia desperdício de pedra e a gente aproveitava. Não havia fio de diamante a cortar a pedra, mas mesmo com o fio de diamante havia desperdício”.



## FERRAMENTAS

- Picareta
- Marreta
- Alavanca
- Para tirar a cal era a mão, se tivesse quente tiravam mais depressa, se tivesse fria levava mais tempo
- ....



## ■ PROCESSO DE LABORAÇÃO

- “Lenha mais grossa logo no inicio, para se ir subindo ...”
- “O forno pequeno enchia sozinho; mas o forno grande tinha muita gente a trabalhar os carros e as bestas, uns a partir pedra, outros a carregar ...”
- PROCESSO DE COZIMENTO: “Primeiro aquecia-se o forno completamente, começando a cozer não se podia parar, ia-se metendo lenha, de quatro em quatro horas entrava um, saia, ia dormir e entrava outro”, “depois de meter a lenha, fechava-se o forno, se abria encima se o vento fazia cinza, cá em baixo só se abria no fim”
- “O capelo descia mais ou menos um metro”.

## ■ PROCESSO DE LABORAÇÃO

### TEMPO DE LABORAÇÃO DO FORNO

- Dias a alimentar o forno: “depende do tempo e da lenha, chegou vezes que foi 15 dias, até 18 dias se ficava ...”
- TEMPO DE COZIMENTO (DEPENDE DO TAMANHO DO FORNO) “sozinho, dependendo do tamanho do forno, levava 15 dias no forno mais pequeno ”
- TEMPO COZIMENTO CAL DE TRIGACHES: “A cal de Trigaches é mármore, leva 15-20 dias. Se for noutro lado, a de calcário, leva 3-4 dias, mas é pior de qualidade”

## ■ SINAIS DO PONTO DE SITUAÇÃO / ANDAMENTO DA COZEDURA

- Um controlo sensitivo dado pela experiência ..., sem termómetros ou maquinarias ...
- Enfim: “Coisas que se iam aprendendo”.
- Controlo através da cor do fumo:
  - ✓ Muito escuro --» no início      |      Mais branco --» já com o processo avançado

## ■ DESMONTE DO FORNO

- “Leva menos tempo do que montar, mas tudo depende da quantidade de pessoas”.
- “Depois da pedra cozida o forno descai à volta de 1 metro, talvez ... mas, às vezes, tem uma pedra que cola ...”.
- “Quando a pedra não está cozida sai para dentro, quando já tá cozida sai para cima, já não precisa do lume.”
- “A desmontar os fornos era mais umas duas semanas”.



## ■ A DUREZA DO TRABALHO

- Sr. João: “... muito suor, e com o suor, às vezes, fazia-se regar a cal”
- Jacinto: “em França trabalhava na construção civil e era tão duro como aqui”
- Sr. João: (a comentar a vida dura como imigrante: “ ... antes trabalhar nos fornos, trabalhava nas pedreiras, quem trabalhava tinha mais, mas o que dava era para a sopa”
- João: “nesse tempo dormia-se acordado ...”
- João: “Aquilo era duro mas fazia-se e não matava ninguém. Se eu fosse mais novo, anda cá vinha porque gostava de ver isto outra vez. Eu até gostava daquilo”
- Jacinto: “ ... dormia-se com um pé no forno”

## ■ PERÍODOS DO ANO PARA A LABORAÇÃO E CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS

- Para funcionar no inverno preferiam um forno menor ... garantia melhor a laboração, pois senão era chuva encima do forno ... p. 20 (anexo da tese)

### PERÍODOS PRIVILEGIADOS PARA COZER A PEDRA

- Primavera e verão: períodos privilegiados para cozer

## ■ ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

- “O forno tem de funcionar continuamente, senão arrefece, daí tinham que estar aqui durante o período de cozimento”; “ se não houvesse vinho para dar a disposição, não vinham fazer...”
- “...faziam turnos, dormiam debaixo de qualquer árvore e depois vinham fazer ...”

### FUNÇÕES DE GÊNERO NOS TRABALHOS DA CAL

- “ Nos fornos eram homens, as mulheres é mais a caiar”

## ■ ARMAZENAMENTO DA CAL

- “Antigamente eram em potes de barro”, onde se armazenava a cal, depois é que foram os bidões e os plásticos ...”.



## TIPOS, LOCAIS DE PRODUÇÃO ESPECÍFICA E USOS ESPECÍFICOS DA CAL

- “As pedras que pegam mais calor ficam mais escuras, mas depois de regada fica tudo igual”:
- ✓ A mais cozida (mais escura) metia-se na obra
- ✓ A mais clara era para caiar, a mais branca e mal cozida. A princípio seria de pior qualidade, mas era a que elas queriam para caiar.
- “havia pedra com aquele vergão escuro ... , a pedra que é vergada, a cal fica preta”.
- CAL de Trigaches: para caiar e para construção (rebocos).
- CAL de Trigaches: para caiar e para construção (rebocos): Cuidados com a pedra: “a gente escolhia sempre da melhor: a pedra mais branca, aquela que tem «escama», era sempre mármore de Trigaches”.
- Cal APAGADA: era deixada ao ar livre “... e quando se tinha mais pressa, deitava-se água para cima e com um dia ficava lago pó”.

## ■ QUANTIDADE DE CAL QUE SAIA DO FORNO, PERÍODOS DE LABORAÇÃO E Nº FORNADAS/ANO

- 4.000 arrobas (x 15) = 60 toneladas / 2 fornadas ano
- 1ª fornada: por volta da Páscoa
- 2ª fornada: set. / outubro

## ■ VENDA DA CAL

- ANTES: Vendia-se a 500 escudos 1 arroba há mais de 15 anos ...
- ATUALMENTE: 1 arroba está em torno de 8 euros (mas é comprada em outro sítio)
- Jacinto: “depois comecei a vender a cal industrial, mas ganhava quase a mesma coisa, ainda que o trabalho fosse menor.”

## Trigaches: Extração de mármore em declínio

03-06-2013 16:58:21



Em meados dos anos 80, o principal mercado dos mármore de Trigaches era a Alemanha. A matéria-prima era exportada através de duas empresas portuguesas, "de proprietários alemães", que "compravam praticamente" todo o material. A extração está suspensa há oito anos. O empresário Secundino Domingos lamenta que as obras públicas da região já não consumam esse tipo de pedra.

Texto **Nélia Pedrosa** Fotos **José Ferrolho**

A extração de mármore de Trigaches, que durante anos foi o principal ganha- -pão de grande parte da população da freguesia e aldeias limitrofes, chegando a empregar mais de duas centenas de pessoas, atravessa um período difícil. A empresa Mármore Sintra, a única que detém atualmente a exploração de pedreiras na aldeia, deixou de "extrair há pelo menos oito anos", revela Secundino Domingos. A quebra de vendas assim o ditou. Já extraída e pronta para venda, o empresário deverá ter "à volta de 500 metros cúbicos de pedra". "Se um dia este material sair, provavelmente iremos extrair mais", diz, adiantando que "a paragem na extração é má para a freguesia, porque criava postos de trabalho e dava uma certa dinâmica à região". Secundino Domingos entrou no comércio dos mármore aos 12 anos, pela mão do pai, "um dos responsáveis pela dinamização" das pedreiras de Trigaches. "O meu pai era de Sintra e um dia viu qualquer coisa no jornal sobre as pedras de Trigaches e então montou-se numa bicicleta e veio por aí abaixo, isto há 80 anos. Nessa altura, aqui nas pedreiras, fazia-se mais era cal, e também algumas peças, poucas, para construção. E o meu pai começou a explorar a pedreira juntamente com outras pessoas da aldeia". Durante largos anos, e até há cerca de duas décadas, as pedreiras foram sendo exploradas por pequenos empresários locais, que detinham "áreas diminutas", devidamente delimitadas, "de onde iam extraindo o mármore", num trabalho manual. "Depois os mercados também começaram a cair, e essas pessoas, como não tinham transformação, e ninguém a quem vender, foram desistindo. Nós [Mármore Sintra] fomos ficando porque tínhamos a transformação na nossa empresa em Beja e fomos aplicando a matéria-prima na construção civil", conta.

Em meados dos anos 80, o principal mercado dos mármore de Trigaches extraídos pela Mármore Sintra era a Alemanha. A matéria-prima era exportada através de duas empresas portuguesas, "de proprietários alemães", que "compravam praticamente tudo". "Era uma pedra que se utilizava muitos nos cemitérios, nas cabeceiras das campas. A pedra de Trigaches é uma pedra que suporta diferenças de temperatura, frio e calor, que mantém o brilho durante muitos anos, e os alemães gostaram desta pedra, era moda naquela altura", esclarece o empresário, que atualmente vende, em média, por mês, um camião de mármore de Trigaches (cerca de 25 toneladas), o que é manifestamente "pouco", diz. Secundino Domingos atribui o decréscimo de vendas ao aparecimento de outros materiais, com outras tonalidades, "como as pedras da zona de Leiria e de Rio Maior", e ao facto de "as obras públicas [da região] já

<http://da.ambaal.pt/noticias/?id=3199>

1/3

Fonte: Diário do Alentejo, 03.06.2013, in: <http://da.ambaal.pt/noticias/?id=3199>

## ■ PERDA DA TRADIÇÃO DE USO DA CAL

- “As pessoas deixaram de usar a cal porque deixou de haver, mas é um trabalho duro: pegar lenha, partir a pedra ...”.
- “Agora as pedreiras também já não funcionam, e não por causa da crise”.
- O porque do não uso hoje em dia: “ ... é a moda, mais moderno agora, é as tintas e pronto”.

*... e se a moda da cal voltasse?*

- “(...) Já não há pessoas para trabalhar na cal ...”.
- “Procura não sei se haverá porque as pessoas já se habituaram à tinta. Os pedreiros já se sabe, gastam dessa industrial, e as velhotas que caiavam as casas vão desaparecendo ...”.

## ■ VANTAGENS NO USO DA CAL ARTESANAL

- “A cal é melhor que a tinta”.
- “Se cair com a cal hoje cedo, á noite já se pode lá dormir, não tem aquele cheiro”
- “ ... a cal é mais fresquinho”
- “O reboco feito com a cal é mais prático, seca mais rápido, e mistura-se com cimento, é mais prático”; “... e quando não faziam com cimente era só com a cal ....”
- “Agora ainda existe reboco em cal, mas não é tão boa, a daqui é melhor. Aquela de Santarém é pedra calcária, aqui é mesmo mármore, a daqui era melhor. Lá também cozem em menos tempo e usam serradura, têm uma ventoinha ...”
- “O reboco não se torna tão húmido, e um reboco feito com cimento estala por todo o lado” / João: “se você pintar o seu quarto com tinta, à noite pode lá dormir? Se for caiado com cal, pode. E sente-se bem porque a cal é saudável”

## ■ Contributos para a reinvenção da arte da cal



- Repercussão nas práticas de conservação do património arquitetónico;
- Relevante para a preservação da herança cultural e a valorização dos locais;
- Repercussão na economia de recursos no âmbito da execução, aplicação e exploração;
- Impactes no conforto ambiental;
- Pode contribuir para a integração e respeito pela ecologia através de programas de desenvolvimento socio-local.

## Recuperar conhecimentos tradicionais e criar fontes



Como contributo para:

- Ampliar o conhecimento técnico e científico acerca dos revestimentos históricos com base em cal.
- Atribuição de sentido contemporâneo às práticas tradicionais, em certo sentido, humanizando e valorizando o património edificado com impacto local;
- Reconstituição de determinadas práticas e vivências locais de construção e uso do património.

25/08/2015

Pelo renascimento da cal de Trigaches

## Pelo renascimento da cal de Trigaches

05/06/2015 02:13



A Câmara de Beja planeja candidatar a atividade associada aos fornos de cal artesanal no concelho, nomeadamente na freguesia de Trigaches, a Património Imaterial da Humanidade. Um trabalho que já foi encetado mas que agora dará passos mais firmes, depois de um protocolo assinado há dias com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). A ideia é salvaguardar um saber tradicional que hoje está nas mãos de apenas quatro homens, herdeiros daquilo que terá sido, pelo menos até à década de 70, o grande centro produtor de cal artesanal do Baixo Alentejo e de todo o sul do País. Um ofício duro, dos mais duros que se conhecem, mas que ainda assim deixa saudades em João Galhana e Jacinto Figueira (na foto), os dois antigos caleiros com quem estivemos esta semana à conversa.

Texto Carla Ferreira Fotos José Ferrolho

"Boa cal, branca de Trigaches!". Há muito que não se ouve por esse Baixo Alentejo afora o pregão que anunciava a chegada do caleiro. O último terá soado nos anos 70, não se sabe quando ao certo, altura em que se estima que o negócio da cal envolvesse cerca de 40 pessoas nesta freguesia do concelho de Beja. E a procura era tanta, mas tanta, que se estendia ao Campo Branco, à margem esquerda do Guadiana e até à faixa litoral do território. Terra de pedreiras, terra do melhor mármore da região, e da afamada "cal branca", que lhe fazia jus, Trigaches ainda mantém os seus recursos geológicos, que localmente se acredita serem quase inesgotáveis, mas já não produz cal.

O último forno artesanal, comandado por Jacinto Figueira, hoje com 70 anos, deixou de fumegar por volta de 2002 e não mais se partiu mármore para cozer depois disso. É esse o mistério da cal: rocha que, submetida a altas temperaturas, ou "calcinação", por vários dias, resulta depois num composto sólido de usos diversos, nomeadamente na construção civil, quer para estuques e reboco, quer para a pintura das habitações. Foi a esse ofício que Jacinto Figueira se dedicou já homem feito, de regresso à terra natal, depois de 12 anos em França. Nunca o chegou a aprender formalmente quando jovem mas, em terra de caleiros, a memória ajudou-o. "O meu pai também vendia cal. E, quando eu era miúdo, ia com ele e assistia à abertura dos fornos, porque os vendedores iam carregar diretamente ao forno", lembra. Encontramo-nos num início de tarde escaldante, numa visita de regresso ao passado, mais concretamente ao forno do Monvestido, lá mais para os lados de São Brissos. A guiar o périplo também lá está João Galhana, de 67 anos, outro antigo caleiro que começou a exercer o ofício também já depois da "tropa", ou seja, entrado na idade adulta. Ele é um sócio, que laboraram sem interrupções entre 1970 e 1981, primeiro num forno arrendado e por fim em forno próprio. Numa época em que, garante, "éramos três ou quatro a trabalhar nisso" e "ainda havia procura". A estrutura, de aspeto rudimentar, passa despercebida no caminho de pedras soltas e ervas altas, que dificultam a passagem e a visibilidade. Mas os antigos colegas de ofício saberiam o caminho, mesmo se às oegas fosse, e, uma vez lá chegados, é como se lhes acendesse um brilho novo nos olhos. Abeiram-se da

<http://da.ambaal.pt/noticias/?id=7890>

1/3

Fonte: Diário do Alentejo, 05-06-2015, in: <http://da.ambaal.pt/noticias/?id=7890>



- **Para refletir**

## “a cal está em tudo”

- Sendo o *valor de excecionalidade* um aspecto, muitas vezes, presente nos processos de valorização do património: onde se encontra o valor de excecionalidade no(s) património(s) da cal se ela “está em tudo”?
- Será que, para além dos aspectos mais materiais da manifestação do(s) património(s) da cal e que, em alguns tantos casos, revelam excecionalidade, o valor social do(s) património(s) da cal não estará em conjugar um sentido, e mesmo um significado, de excecionalidade e trivialidade?

“a cal está em tudo”



## A pele

- Cal branca, a pele da parede. (...)

## O ritual

- Na caiação recuperam-se gestos imemoriais de um ritual de renovação. (...)

## A magia

- A cal é usada em operações mágicas. No mês de Janeiro, mês evocativo de Jano, o deus de duas caras e do dinheiro, a avidez da cal por água converte-se magicamente em avidez monetária. Se lançada junto das portas atrai dinheiro para casa. (Oliveira Martins, *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos de Vida Quotidiana* , 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Editora Sá da Costa, 1981, p. 171.)

## O espelho de asseio

- Caiar é um processo que se naturalizou no Alentejo. Caia-se muito e sempre, espelhando-se proporcionalmente o asseio. Caia-se a 'frente' e caiam-se as 'casas', ou seja, a fachada e as divisões da casa. Maria Lamas ao entrevistar uma mulher alentejana perguntou-lhe: «Quantas vezes costuma cair a casa, para a manter assim tão branca? A resposta foi: «Quantas vezes? Ora essa! Não tem vezes certas. A casa caia-se antes que seja preciso!» (Maria Lamas, *As Mulheres do meu País*, Lisboa, 1948.)

## Adivinha

Cal é cal é, quem não adivinha burro é?

## O pregão do caleiro

- O caleiro ou o 'homem da cal', uma figura rara, ainda transporta torrões de cal numa carroça. Vai andando e apregoando: Cal bran.....ca! (...)

## A alcunha

- (...) Francisco Ramos e Carlos Silva registam no Tratado da Alcinha Alentejana (Lisboa, Colibri, 2002) duas entradas sobre a cal e uma sobre o caleiro, respectivamente nas páginas 144 e 146/7: «Cal branca, m. ind. fam. adq. ass. trat. passagem a apelido; class: profissional/referencial; história: alcunha atribuída a um sujeito que vende cal (Vendas Novas); porque o nomeado teve um vizinho que vendia cal (Alandroal)»; (...)

## O apelido

- Apenas um registo: José Manuel Lourenço Cal.

## Expressões idiomáticas

- A consulta do Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas da autoria de António Nogueira Santos (Lisboa, Edições Sá da Costa, 1988) fornece duas expressões de uso regular: «Branco como a cal», expressão familiar que significa empalidecer; «De pedra e cal», expressão corrente que significa resistente, inabalável, muito firme.

## Expressão de gíria

- A gíria portuguesa regista a expressão «cal e areia», a qual se inscreve no domínio da culinária designando um prato à base de arroz guisado com grão ou feijão branco. (Simões, Dicionário de Expressões Populares Portuguesas. Arcaísmos. Regionalismos. Calão e Gíria. Ditos. Frases Feitas. Lugares comuns. Aportuguesamentos. Estrangeirismos. Curiosidades da Língua, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988)

## O significado

- A palavra 'cal' é um substantivo feminino derivado do latim 'calce'/'calces'. Quimicamente é identificável como óxido de cálcio. No quadro dos significados há que distinguir dois tipos de cal: quando não combinada com água chama-se cal viva ou virgem e quando endurecida na água recebe o nome de cal hidráulica.

## A etimologia

- A abordagem etimológica esclarece que cal é um «elemento pré-céltico, primitivamente das regiões mediterrâneas e do Sul da Europa. Significa 'rochedo', abrigo, quer à beira mar quer à beira rio (...)

## A habitual inconveniência infantil

- Acode-me à memória que entre as muitas estórias da minha bisavó havia uma sobre cair. Era acerca de uma daquelas crianças que observam e registam toda a vida doméstica dos vizinhos. Por altura duma caiação da cozinha, a dita criança, observando que também se caiavam as zonas «Ó vizinha, também caia aí? \_ «Claro! E deixou escapar esta confissão: «A minha mãe não caia debaixo do poial porque não se vê».

## Na toponímia | Na poesia (...)

- Trabalho desenvolvido no âmbito do **Projeto do LNEC PRESERVE** – Preservação de revestimentos do património construído com valor cultural: identificação de riscos, contributo do saber tradicional e novos materiais para conservação e proteção – incluído na Estratégia de Investigação e Inovação E2I 2013-2020.

#### *AGRADECIMENTOS*

- **CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA** e, em especial, a Eng<sup>a</sup> **MARIA GORETI MARGALHA**, pelo apoio, interesse e dedicado envolvimento.
- **PAULO CUSTÓDIO**, por toda ajuda e pelo belo e dedicado trabalho que tem desenvolvido sobre a temática dos fornos de cal.



**OBRIGADA PELA ATENÇÃO!**